

MANUEL G. SIMÕES
Università di Venezia

A RECEPÇÃO LITERÁRIA
DE MIGUEL ANGEL ASTURIAS EM PORTUGAL

1. O primeiro contacto que estabeleci com o nome e a obra de Miguel Angel Asturias foi, por assim dizer, meteórico, através duma antologia de poesia da Guatemala ¹ que, não se sabe por que artes, se vendia na Livraria Almedina, de Coimbra. Talvez por que se tratasse de uma antologia poética, além do mais em língua castelhana, a vigilância censória não se preocupou particularmente com aquele volume: na melhor das hipóteses, os possíveis destinatários, no caso específico, seriam os estudantes universitários interessados no discurso poético de outras geografias, na tentativa de confrontar as experiências poéticas com as que se produziam no país. Nessa altura pertencia eu à redacção da revista “Vértice”, de Coimbra, que se reunia regularmente uma vez por mês. Numa dessas reuniões, em 1967, na véspera da atribuição do Prémio Nobel para a Literatura, o poeta Joaquim Namorado, chefe da redacção da revista e grande animador do movimento neo-realista português, em jeito de confidência (como se estivesse no segredo dos deuses), comunicou-nos ter conhecimento de quem iria obter o Prémio. Dizia-o tão convictamente que estava disposto a apostar com toda a gente, a sua informação era segura: o premiado seria um escritor da Guatemala, praticamente desconhecido em Portugal, de seu nome Miguel Angel Asturias.

Como tinha conseguido tão secreta informação? Por mera dedução que, depois de explicada, nos parecia óbvia. Naquele mesmo dia haviam-lhe telefonado duma editora de Lisboa, pedindo-lhe elementos biográficos sobre Asturias, a mesma editora que, no momento da declaração do vencedor do Nobel anunciava já a aquisição dos direitos de tradução da obra do grande autor guatemalteco. Ao que parece a atribuição do prémio, nesse ano, foi coisa pacífica, ao

¹ *Antologia de la poesia rebelde hispanoamericana*, selección de Enrique Fierro, Montevideo, Ed. de la Banda Oriental, 1967.

ponto de se conhecer, com antecedência, o nome do quase certo futuro premiado; pelo menos a senhora Snu Abecassis, de origem sueca e então directora de Publicações Dom Quixote, de Lisboa, agia de consequência, assegurando antecipadamente os direitos, para a língua portuguesa, do escritor laureado pela Academia Sueca em 1967². Mera coincidência?

Seja como for, é o acaso a proporcionar movimentos coincidentes, como o que me conduziu ao lugar exacto onde conheci pessoalmente Miguel Angel Asturias, em Maio de 1972, encontro inesquecível por uma série de razões, simultaneamente culturais e emotivas, a primeira das quais consistia no próprio facto de poder dar, finalmente, uma imagem concreta ao que tinha sido apenas imaginação: refiro-me, claro, ao escritor, mas também a um cenário de excepção como o de Veneza. De facto, em 16 de Maio daquele ano, por obra e graça dos deuses propiciadores, eu via pela primeira vez os reflexos de ouro da Sereníssima, tendo podido assistir, no esplendor da Aula Magna de Cà Dolfín, à cerimónia do doutoramento “honoris causa” daquele grande *girador* guatemalteco. E, no mesmo dia, haveríamos de “sacralizar” o duplo encontro durante o almoço no “Da Raffaele” (Fondamenta de le Ostreghe), através do vinho do seu génio e do seu conhecimento das enseadas do mundo, ou durante a festa no Bauer, mais virada para a confraternização do que para mundanidades, e onde doña Blanca me haveria de falar de Lisboa, das suas contradições daquele tempo amargo – que hoje persistem, *bélas!* – e do meu espanto perante o que ela considerava um traço distintivo da capital portuguesa, uma espécie de ex-libris na memória da sua breve estadia: a proliferação das ourivesarias, o que era ainda para si motivo de flagrantes contrastes, apreendidos mesmo à superfície do tecido social mais urbano.

2. Voltando à recepção literária de Miguel Angel Asturias em Portugal, assinala-se a publicação, ainda em 1967, de *Lendas da Guatemala*, com tradução de Pedro da Silveira, pela já citada editora Pub. Dom Quixote. A edição portuguesa reproduz ainda a famosa “Carta de Paul Valéry a Francis de Miomandre”, traduzida certamente do castelhano³, em que se fala do êxtase e da magia que o texto não pode deixar de exercer sobre o seu fruidor:

Agradeço-lhe ter-me dado a ler estas *Lendas da Guatemala*, do Sr. Miguel Angel Asturias. Como escritor tem sorte, porque a tradução do seu

² Sabe-se, porém, que a publicação em Portugal de Miguel Angel Asturias era um antigo projecto daquela editora, várias vezes sugerido pelo seu director literário, Carlos Araújo. Creio, todavia, que só a atribuição do prémio Nobel levou Snu Abecassis a decidir-se, passando do projecto à concretização.

³ A edição francesa do romance é de 1931, tendo obtido o prémio Sylla-Monsegur para a melhor tradução e o melhor livro hispano-americano. É a esta tradução que se refere a carta de Valéry, mais tarde reproduzida na ed. Aguilar, de Madrid.

trabalho é deliciosa, por conseguinte excelente; o mesmo que dizer bela, mas fiel. Uma boa tradução tem as virtudes duma esposa romana: *egregia coniux*. Quanto às lendas, deixaram-me extasiado. Nada me pareceu mais estranho – quero dizer, mais estranho ao meu espírito, à minha faculdade de atingir o inesperado – do que estas histórias-sonhos-poemas em que se entremisturam as crenças, os contos e todas as idades dum povo, digamos, de ordem composta, todos os produtos capitosos duma terra poderosa e sempre convulsa, na qual as diferentes ordens de forças que engendraram a vida depois de terem erguido a decoração de rocha e humo permanecem ameaçadoras e fecundas, como dispostas a criar, entre dois oceanos, a golpes de catástrofe, novas combinações e novos temas de existência.

[...]

A minha leitura foi como um filtro, pois este livro, embora pequeno, bebe-se, mais do que se lê. Foi para mim o agente dum sonho tropical, vivido não sem singular delícia. Pareceu-me absorver o suco de plantas increditáveis, ou uma cocção dessas flores que capturam e digerem as aves. “O Cucu dos Sonhos acorda na alma”.

Stendhal tinha por regra ler todas as manhãs um pouco do Código Civil. Esta regra tem o seu valor. Mas uma farmacopeia tem de ser completa. Depois do tónico fazem falta os bálsamos e as resinas embriagadoras. Uma dose de quando em quando deste elixir guatemalteco é excelente contra tantas coisas...⁴.

Na altura do lançamento de *Lendas da Guatemala*, Miguel Angel Asturias deslocou-se a Lisboa onde, entre outras acções, participou num programa literário da Rádio Televisão Portuguesa, acompanhado pelo tradutor. E a editora apresentava-o ao público deste modo sucinto na sua essencialidade: “Para falar do passado mitológico da sua Guatemala natal e fazê-lo numa linguagem profundamente moderna em que as fronteiras entre poesia e prosa se esbatessem ao ponto de se produzir uma síntese de que só os escritores excepcionais possuem o segredo, ninguém mais indicado do que Miguel Angel Asturias (Prémio Nobel 1967). O sangue índio que, pelo lado da mãe, lhe corre nas veias está em parte na base da sinceridade com que Asturias vive nas suas obras a tragédia dos índios do seu país. Logo no seu primeiro livro – *Lendas da Guatemala* – Asturias apresenta-se como um escritor altamente dotado, cuja escrita levanta em larga escala um problema tão debatido no âmbito da estética literária: a questão das conexões entre o fantástico e o real”⁵.

Dando seguimento ao projecto, a mesma editora publicou *O Senhor Presidente* logo no ano sucessivo (1968), com tradução de Pedro Lopes de Azevedo. Foi o texto que acabou por obter maior consenso de público, se conside-

⁴ *Lendas da Guatemala*, ed. cit., pp. 7-8.

⁵ *Ibidem*, texto da contra-capá.

rarmos que do mesmo saiu uma segunda edição em 1974 e que neste preciso ano apareceu também uma edição paralela, obra do mesmo tradutor, publicada em Lisboa pelo Círculo de Leitores. Independentemente do fascínio do romance, susceptível de influir nas complexas leis do mercado, é possível que o grande êxito de *O Senhor Preridente* seja devido ao facto de se tratar de uma obra considerada pela crítica como um “romance político” e aos aspectos que José María Souvirón já analisou de maneira aguda e arguta ao considerar alguns romances hispano-americanos inspirados em figuras políticas e a leitura que deles se fez na Europa, levando muitos leitores a “establecer parangones entre las figuras pintadas en sus grandes novelas políticas y algunos personajes europeos”⁶.

Ainda em 1968, Pub. Dom Quixote lança um outro título de Asturias: *Fim-de-semana na Guatemala*, com tradução de Maria Manuela Ferreira. E em 1969 tem lugar a publicação, pela mesma editora, de *O Espelho de Lida Sal*, colectânea de contos traduzidos por Pedro da Silveira. Alargava-se assim o conhecimento, na língua de Camões, de um dos maiores escritores do séc. XX, apresentado então deste modo genérico, como balanço de uma operação cultural e como síntese, em grandes linhas (como é de uso nestas circunstâncias), da imensa obra do Autor: “Desde que publicou as suas *Lendas da Guatemala*, em 1930, Miguel Angel Asturias tem vindo a incubar – segundo ele próprio confessa – estes relatos e estas lendas reunidos no presente volume. O fantástico, em Miguel Angel Asturias, mergulha as suas raízes na realidade quotidiana do seu país natal, essa Guatemala em que as crenças ancestrais, as superstições, a feitiçaria, os sortilégios se encontram tão presentes como a miséria e a beleza telúrica. Precedidos de um deslumbrante “Pórtico” lírico, sete contos – ternos e cruéis, alucinados e humorísticos – oferecem um novo e expressivo exemplo da inesgotável riqueza de um dos mestres da literatura contemporânea. Depois de *Lendas da Guatemala*, *O Senhor Presidente* e *Fim-de-semana na Guatemala*, o leitor português tem agora mais uma oportunidade de convívio com o autor consagrado em 1967 com o Prémio Nobel da Literatura”⁷.

Decorreram dez anos (mas entretanto viram a luz as duas reedições atrás citadas) e só em 1979 a editora Dom Quixote parece continuar o seu programa de dar a conhecer ao público de língua portuguesa a obra narrativa de Miguel Angel Asturias. E cumpre esta tarefa logo com dois títulos: *O Papa Verde* e *O Furacão*, ambos traduzidos por Pedro da Silveira. Esta editora, porém, não

⁶ JOSÉ MARIA SOUVIRON, prólogo a Miguel Angel Asturias, *Obras Completas*, tomo I, Madrid, Aguilar, 1968³, p. 8.

⁷ MIGUEL ANGEL ASTURIAS, *O Espelho de Lida Sal*, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1969, texto da contra-capá.

completou o que terá sido o seu projecto inicial, visto que, no ano seguinte (1980), era Edições 70, de Lisboa, a responsável pela publicação de *Homens de Milbo*, com tradução de Maria da Graça Lima Gomes, inserindo o romance na sua colecção “Vozes da América Latina” que acabou por incluir obras de Juan Rulfo, Miguel Otero Silva, Augusto Roa Bastos, Juan Carlos Onetti e Alejo Carpentier, entre outros. Da ficha de apresentação do Autor e do livro, vale a pena transcrever este segmento: “O mitológico e o lendário do continente americano aliam-se aqui ao real, ao pitoresco, ao dramático, numa fusão perfeita. Baseando-se na mitologia dos Mayas, o autor transmite-nos uma imagem singular do drama dos pequenos camponeses na Guatemala, completamente dependentes de uma terra que nem sempre lhes é favorável e da exploração dos mais poderosos. Não será demais insistir no facto de a realidade e a lenda se interpenetrarem aqui em episódios sucessivos, fazendo com que o leitor assista a coisas fantásticas, próprias dos povos que unificam a natureza e a magia, numa tentativa de preservar a sua identidade”⁸.

3. Algumas palavras são devidas especificamente às traduções que veicularam os textos de Miguel Angel Asturias em língua portuguesa, até por se tratar de um *corpus* de extrema riqueza expressiva, caracterizado pela grande complexidade de registos linguísticos que convocam, contínua e insistentemente, materiais primigénios de árdua descodificação. São quatro, como vimos, os tradutores que se ocuparam das suas criações narrativas, procurando transferir os respectivos enunciados para um sistema que compreende um código linguístico com muitas afinidades e, ao mesmo tempo, um código cultural que se distancia enormemente. Dos quatro tradutores – Pedro da Silveira, Pedro Lopes de Azevedo, Maria Manuela Ferreira e Maria da Graça Lima Gomes – pode dizer-se que é o primeiro, com a sua reconhecida competência e meticulosidade, o mais atento à expressão literária, embora as suas traduções (e em maior grau as dos restantes) não estejam isentas de um curioso processo de transformação que, noutra lugar, já tive a oportunidade de definir como o “complexo do tradutor” e que consiste na transposição transversal e quase sempre desviante, com menosprezo por nexos fónicos (estruturas anagramáticas) e rítmicos, que acabam por subverter processos estilísticos do texto de partida, provavelmente para que a produção do “outro” texto não seja – ou não pareça – decalcado do primeiro⁹. Apenas alguns exemplos: “calles *contiguas*”/ “ruas *adjacentes*”

⁸ *Homens de Milbo*, Lisboa, Edições 70, 1980, pp. 9-10.

⁹ Remeto o leitor para a minha tentativa de análise do fenómeno de transversalidade não constritiva: *O complexo do tradutor: a tradução poética entre sistemas linguísticos afins*, in *Del Tradurre*: 1, Roma, Bulzoni, 1992, pp. 135-145.

(*Lendas da Guatemala*, ed. cit., p. 11), com alteração de registo linguístico e com a banalização do código expressivo; “claridad de vino viejo” / “nitidez de vinho velho” (*Ibidem*, p. 11), em que a operação transversal provoca até um desvio semântico; “un pájaro que canta, y despierta en el alma el Cuco de los Sueños” / “uma ave que canta, e acorda na alma o Cuco dos Sonhos” (*Ibidem*, p. 12), com desníveis de sinal contrário (elevação: “pájaro”/“ave”; banalização: “despierta”/“acorda”).

Mas é talvez *Homens de Milho*, romance traduzido por Maria da Graça Lima Gomes, o texto mais exposto a transformações deste tipo e com consequências mais profundas. Basta considerar o primeiro sintagma ou segmento textual do exórdio para notar as “desatenções” da tradutora e o que se revelará, ao longo da sua versão, como ausência de reflexão sobre a técnica tradutológica:

El Gaspar Ilóm deja que a la tierra de Ilóm le roben el sueño de los ojos /
Gaspar Ilóm consente que roubem o sono aos olhos da terra de Ilóm
(ed. cit., p. 13).

Para além da nítida mudança de registo linguístico (“deja”/“consente”), não necessária e não pertinente, a tradutora subverte o texto original, eliminando o hipérbato que põe em evidência o elemento “terra” e marca notavelmente o próprio ritmo, e altera, a seu bel-prazer, quer o elemento que sofre a consequência do roubo (“tierra” no texto de partida e “olhos da terra” na versão portuguesa), isto é, o complemento indirecto, quer o complemento determinativo: “sueño de los ojos” / “olhos da terra”. No texto literário, como se sabe, a ordem dos factores não é arbitrária. Por outro lado, não é fornecida ao leitor qualquer informação sobre a possível função alegórica de maíz (“milho”), elemento importantíssimo, como se compreende, no sentido de alargar os horizontes de leitura. Com efeito há no texto referências a uma variedade de milho (“maíz divino”), da qual, segundo a mitologia indígena, teria sido feito o primeiro homem. O romance é, como as restantes obras de Asturias, um texto de grande complexidade, com frequentes arcaísmos, formas populares, e onde os aspectos cromáticos e oníricos constituem um estilema do Autor. Daí as dificuldades em efectuar uma tradução literária sem banalizar o texto de partida, sem alterar os diversos registos e recuperando, até aos limites do possível, a riqueza expressiva do original. Poder-se-ia, porém, ter feito um trabalho melhor, se outra tivesse sido a consciência dos problemas e dos meios técnicos para os atenuar.